



Condensado de TIME

A Genial Câmara de Land

Edwin Land, o criador da fotografia instantânea, arriscou uma maxi-aposta numa minicâmara



NOS ESTADOS UNIDOS, câmaras fotográficas e filmes para amadores, este ano, sofreram uma verdadeira revolução. As novas câmaras não apenas são fáceis de operar; mais importante, são fáceis de transportar. São tão compactas que podem ser levadas no bolso ou na bolsa, mais como uma carteira que como uma peça de bagagem de mão.

A mais espantosa dessa nova geração de câmaras é uma caixinha

mágica da Polaroid. Seu inventor chama-se Edwin Herbert Land, fundador, presidente e diretor de pesquisas da Polaroid. Aos 63 anos, a própria figura do gênio científico, Land é muito mais respeitado pelos seus empregados e acionistas, mesmo pelos seus competidores, que praticamente qualquer outro presidente de empresa americano. Diz o seu conconcorrente Van Phillips, vice-presidente da Kodak: «Um dia, Edwin Land terá um lugar ao lado de Tho-

mas Edison, Alexander Graham Bell e George Eastman.» (Este último, fundador da Kodak.)

Isenta de Lixo. Os últimos sete anos da vida de Land foram dedicados à sua nova câmara. Nessa perigosa jogada, ele arriscou quase 250 milhões de dólares, construindo enormes fábricas antes mesmo de saber se a câmara funcionaria ou, sequer, que jeito teria. Apesar de custar pouco menos de 150 dólares, os vendedores da Polaroid têm tanta confiança na câmara que prevêem a venda instantânea de todas as que forem produzidas nos primeiros 12 meses — talvez várias centenas de milhares. Motivo: a nova câmara elimina quase todos os problemas que nos últimos 24 anos irritavam os possuidores de máquinas Polaroid — inclusive Land.

Quando fechada, a nova câmara tem mais ou menos metade do tamanho de muitos modelos antigos, cerca de $2,8 \times 10,6 \times 18$ cm. Pesa 740 gramas e é completamente automática — até no rodar do filme, o que tinha de ser feito manual, e às vezes problemáticamente, em todos os modelos anteriores. A característica mais espantosa da nova Polaroid é o seu filme. Saltando da câmara apenas 1,2 segundos depois de exposto, cada fotografia começa como uma massa opaca azul-acinzentada, e em quatro minutos revela as suas cores luminosas, mesmo diante dos olhos do fotógrafo. Protegida por um plástico que não risca, já está seca ao contato mesmo durante a revelação, o que constitui

um agradável contraste com as cópias pegajosas e a papelada que, até agora, eram parte integrante de uma fotografia Polaroid. Não há negativos saturados de substâncias químicas para jogar fora: este é um processo «isento de lixo».

Conceitos Ousados. Raramente na história comercial americana uma companhia mexeu de forma tão drástica num produto já de tanto sucesso. Desde o lançamento das primeiras câmaras de revelação instantânea, em 1948, a Polaroid vendeu cerca de 26 milhões de unidades. Hoje, vende mais câmaras da categoria de 50 dólares para cima do que todas as suas concorrentes mundiais reunidas. Desde 1961, seu rendimento subiu de 400 %, atingindo 504 milhões de dólares no ano passado. As ações pertencentes a Land e à sua família (que controlam 15 % do total) valem cerca de meio bilhão de dólares, o que talvez o torne o cientista mais rico do mundo.

Apesar de todo esse sucesso, já em 1963 Land estava convencido de que, se lhes oferecessem uma câmara fotográfica pequena, facilmente portátil e limpa, os clientes da Polaroid a comprariam em números fabulosos — além de muito mais do altamente lucrativo filme Polaroid do que comprou agora. Assim, Land entregou-se à maior pesquisa de uma máquina fotográfica da sua carreira.

A tarefa foi dividida em projetos separados para filme e câmara, e Land lançou-se aos dois, desaparecendo às vezes durante semanas a

fio, trabalhando 18 horas por dia no seu laboratório. O seu constante saltar de um projeto para o outro irritou alguns colaboradores. «Quando parecia que estávamos dedicando todos os nossos esforços ao desenho da câmara», recorda um vice-presidente adjunto, «alguém perguntava: 'E que tal o filme?' E Land respondia: 'Oh, isso está tudo resolvido!' A verdade é que o pessoal que trabalhava no problema do filme nem acreditava nos seus ouvidos.»

Houve momentos de pura inspiração. Meditando na reclamação de um cliente, que telefonara de África queixando-se de que não conseguia encontrar uma pilha para substituir a que acabara, Land decidiu que as pilhas que faziam funcionar a sua nova câmara estariam na embalagem do filme, e não na máquina. Os engenheiros da Polaroid conceberam uma pilha fininha, que acompanha cada embalagem de filme.

Mas o conceito mais ousado da nova câmara relaciona-se com o filme. Resolvido a não desperdiçar o tempo do fotógrafo, obrigando-o a esperar que as fotografias se revelem no interior da máquina, Land encarregou os seus químicos de arranjar um jeito de a revelação se fazer no exterior. Sugeriu-lhes inventar um «opacificador» (de opaco) que nublasse o filme e impedisse a passagem da luz enquanto substâncias químicas especiais faziam o trabalho de revelação. Uma equipe de químicos trabalhou quatro anos na produção desse

agente. O negativo tratado do novo filme, com apenas 0,085 mm de espessura, contém nada menos de oito camadas de substâncias químicas, algumas da espessura de uma onda de luz vermelha (cerca de meio micron).

Idéias Para o Império. Se dependesse de Edwin Land, a soma total dos conhecimentos do público sobre a sua vida não seria muito mais que isso. Extremamente avesso à publicidade, só três vezes falou à imprensa durante toda a sua carreira. Filho de um comerciante, Land foi criado perto de Norwich, no Estado de Connecticut, e formou-se em 1926 pela Academia de Norwich, com notas quase máximas. O seu professor de Física do ginásio recorda que, no último ano, «Land já estava trabalhando num nível em que não o podia ajudar».

O império Polaroid foi fundado sobre os resultados das experiências de polarização da luz efectuadas por Land em 1928, aos 18 anos, quando era estudante em Harvard. Entre outras coisas, a luz polarizada (todos os raios de um feixe de luz são refratados, exceto os que viajam num plano simples e reto) produz muito menos reverberação que a luz difusa. Havia muito tempo que os cientistas sabiam que certas calcitas e outros cristais naturais podiam produzir a refração. O que Land conseguiu foi polarizar sinteticamente a luz com outros materiais, inclusive lâminas de álcool polivinílico e várias formas de iodo. Deixou-se absorver de tal forma pelas

suas descobertas que abandonou a escola para se dedicar a elas, e nunca mais voltou para se formar.

Suas pesquisas prosseguiram na Biblioteca Pública de Nova York, num quarto alugado em Manhattan e num laboratório de Física da Universidade de Columbia, onde se introduzia de vez em quando através de uma janela, depois das horas de aulas. Sua assistente de laboratório, nos primeiros anos, foi sua mulher, Helen Maislen, que mais tarde abandonou essas funções para criar as duas filhas de Land.

Foram precisos mais nove anos para aperfeiçoar o seu processo de polarização. Em 1937, fundou a Polaroid Corporation e lançou os óculos de sol não ofuscantes, que foram bem aceitos pelo público. A companhia ainda vende anualmente mais de 25 milhões de pares de lentes por ano. A Polaroid cresceu rapidamente durante a Segunda Guerra Mundial, produzindo óculos de proteção, óculos convencionais e filtros, mas o ritmo caiu quando a guerra acabou. Em 1947, a companhia perdeu dois milhões de dólares. O que fazia falta era um novo produto, e Land já tinha a idéia.

De férias com a família, em 1943, tirou num passeio diversas fotografias da filha de três anos, e a menina perguntou-lhe quanto tempo levaria para poder ver as fotos. Land, que se interessava por fotografia desde a infância, começou imediatamente a pensar como seria possível fotografias serem reveladas e copiadas

dentro da própria câmara. Ele hoje diz, brincando, que ao regressar do passeio já tinha resolvido todos os problemas, «exceto os que levaram de 1943 a 1972 para encontrarem solução». Na realidade, já em 1947 ele tinha resolvido dificuldades suficientes para poder anunciar a invenção da «fotografia instantânea» e para pôr à venda, em fins de 1948, a primeira Polaroid — pesando cerca de 1,8 kg e produzindo cópias de tom sépia.

Para o maior espanto dos profissionais de fotografia, que na sua maioria achavam a Polaroid um brinquedo de luxo, a câmara de Land começou a produzir lucros quase tão depressa como produzia fotografias. As vendas subiam cada vez que ele acenava aos clientes com um novo aperfeiçoamento, o que acontecia com crescente regularidade: filme preto e branco em 1950; fotografias em 15 segundos e uma câmara com exposição automática em 1960; filmes coloridos e em cartuchos, em 1963; a câmara «Swinger», barata, em 1965, e, mais recentemente, um par de câmaras a cores de preço baixo.

Para Ampliar a Vida. Uma das razões do êxito da Polaroid é a corte descarada que Land faz ao fotógrafo amador. Segundo o consultor Augustus Wolfman, que publica um estudo anual sobre a indústria fotográfica, cerca de 70 % das fotos de amadores são tiradas de pessoas, principalmente bebês, parentes e convidados em ocasiões especiais, como festas de aniversário.

Como tantas fotografias de amadores são tiradas em casa ou perto de casa, a maioria das desvantagens das câmaras Polaroid comuns — o seu volume e os negativos para jogar fora — não constituem realmente problemas. Por outro lado, a sua principal vantagem — poder-se ver imediatamente a foto — constitui grande atração. Land diz que o que a companhia oferece aos seus clientes é «a realização de um impulso: veja, toque, guarde».

Para o futuro imediato, o que a maioria dos amadores continuará querendo será um instrumento simples e sem complicações para tirar fotos. Significará isso que a foto-

grafia amadora será para sempre uma arte menor, o manejo de câmaras eternamente simples para tirar cada vez mais fotografias de bebês, festinhas, banhos de mar e pouco mais? Edwin Land acha que não.

«Na ímvel das hipóteses, a fotografia pode ser um sentido extra», diz ele. «É capaz de ensinar as pessoas a sentir, a ver e a recordar de uma maneira que ignoravam poder. Cada boa fotografia que tiramos deveria tornar a nossa vida maior, na mesma medida. A fotografia é um exemplo do emprego da tecnologia para revelar e unir as pessoas, e não para as afastar.»



Em Bom Espanhol

PARA uma mulher, mais de 1,80 m, a minha altura, é fora do comum. Durante uma festa na Bélgica, um vice-cônsul americano que falava espanhol correntemente contou-me o seu diálogo com um diplomata latino-americano que queria me conhecer. «Nos países de fala espanhola», disse-me o vice-cônsul, «uma mulher muito alta é chamada de catedral, e foi assim que me referia a você. 'Não, não', interrompeu-me o diplomata latino. 'Esta senhora é mais que uma catedral, ela é o próprio Vaticano'.» — G. K.

OS ESPANHÓIS adoram as mulheres — todas as mulheres — e apreciam muito a sua companhia. Consideram-se todos eles reencarnações de D. Juan Tenorio. Qualquer mulher na rua, seja qual for a sua idade ou posição social, tem direito a um olhar e a uma cuidadosa inspeção da sua figura — de alto a baixo.

Dentre a grande variedade de *piropos* — os gracejos admirativos com que os sevilhanos costumam brindar as mulheres que passam — que ouvi, lembro-me especialmente de um: «Tantas curvas, e eu aqui sem freios!»

— B. C.